

**DELFINA BENIGNA DA CUNHA:  
UMA VOZ FEMININA EM TEMPO DE REVOLUÇÃO**

João Claudio Arendt<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este ensaio analisa a obra de Delfina Benigna da Cunha a partir da sua recepção por parte da crítica sul-riograndense e brasileira. Destaca-se que a produção poética da autora esteve, por longo tempo, mergulhada no esquecimento, apesar do consenso geral de ter sido, no Rio Grande do Sul, pioneira na publicação de poemas numa época em que a produção literária da Província era escassa e incipiente.

**Palavras-chave:** Delfina Benigna da Cunha, poesia sul-riograndense, recepção.

**ABSTRACT**

This essay analyses Delfina Benigna da Cunha's work starting from her reception by sul-riograndense and Brazilian criticism. It is outstanding that her poetic production has been for a long time fallen into oblivion, despite the general consensus in Rio Grande do Sul that considers her a pioneer concerning the poems published in a period in which the literary production in the Province was scarce and incipient.

**Keywords:** Delfina Benigna da Cunha, sul-riograndense poetry, reception.

Parece ter ficado à margem da crítica contemporânea um ensaio sobre a poetisa Delfina Benigna da Cunha<sup>2</sup>, publicado em 1860, na *Revista Popular Ilustrada*, do Rio de Janeiro. Assinado por Joaquim Norberto de Souza e Silva<sup>3</sup>,

<sup>1</sup> Doutor em Letras e professor do Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul – UCS. E-mail: jcaarendt@ucs.br

<sup>2</sup> Delfina Benigna da Cunha nasceu em São José do Norte, no Rio Grande do Sul, em 1791 e faleceu em 1857, no Rio de Janeiro. Publicou os seguintes livros de poesia: *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses*. Porto Alegre: Tipografia de Fonseca e Cia., 1834; e *Coleção de várias poesias dedicadas à imperatriz viúva*. Rio de Janeiro: Tipografia de Laemmert, 1846.

<sup>3</sup> Nascido no Rio de Janeiro, em 1820, Joaquim Norberto de Souza e Silva foi poeta e estudioso da literatura e da história brasileira. Segundo Zilberman e Moreira (1998, p. 92), "sua obra é extensa, e sua contribuição à literatura brasileira do século XIX, fundamental: apresentou argumentos e teses comprobatórias para a discussão da autonomia literária brasileira, firmando-se como o precursor na escrita da história da literatura nacional".

veio a lume três anos após a morte da escritora, sendo reeditado em 1862, no livro *Brasileiras célebres*, e, em 1954, no volume 19 da revista *Provincia de São Pedro*, de Porto Alegre.

Os principais estudiosos da literatura sul-rio-grandense e da obra de Delfina, como Guilhermino César (1956), Donald Schüller (1987) e Rita Terezinha Schmidt (2001), não fazem nenhuma menção especial ao texto de Joaquim Norberto. O mesmo acontece com João Pinto da Silva, na primeira *História literária do Rio Grande do Sul*, editada em 1924. Nesse sentido, com o intuito de discutir aspectos referentes à recepção da produção poética de Delfina, o ensaio de Joaquim Norberto será analisado do ponto de vista dos juízos que emite sobre a obra e a autora, e cotejado com os depoimentos dos críticos que o sucederam.

Inicialmente, Joaquim Norberto refere-se à epidemia de varíola que se abateu sobre o Rio Grande do Sul, no final do século XVIII, e dizimou populações inteiras, tendo, entre suas vítimas, uma menina de apenas 20 meses, chamada Delfina Benigna da Cunha, moradora da Estância do Pontal, em São José do Norte. Os pais, na ocasião, teriam velado noite e dia, e rogado a Deus que a salvasse da morte:

Poupou-lhes a morte aquela existência, mas a terrível enfermidade não retirou a sua mão sem deixar o cunho da sua passagem sobre as faces da inocente menina, privando-a da vista e deixando-a mergulhada nas sombras da eterna noite. (1954, p.151)

A privação física durante a infância teria sido compensada mais tarde com a “luz da inspiração poética”, com a arte de improvisar versos. Entretanto, na opinião de Joaquim Norberto, a poesia como refrigério para aquela alma torturada pela treva manifestou-se de forma ambivalente, pois, ao mesmo tempo em que ela suavizava as mágoas provocadas pela cegueira, trazia-lhe a consciência da própria calamidade, fazendo-a mergulhar no mais profundo abatimento.

Para o crítico, nessa condição, era impossível Delfina fazer versos alegres ou cantar as belezas naturais do Brasil:

Como inspirar-se das cenas maravilhosas, privada da vista? Como encarar os céus dos trópicos em toda a sua pompa e em toda a sua majestade, abrihantados pelas constelações, sem a necessária luz para vê-los? Como gozar dessas florestas, império da primavera, com sua cúpula de ramagens e grinaldas, quando apenas lhe era dado palpar a robustez de seus troncos, saborear o gosto dos seus frutos? Como percorrer suas campinas, recamadas de verdura, retalhadas pelos rios, que aí estão rolando as águas sobre areias de ouro e diamantes, ou vingar as suas serranias arrepiadas

de rochedos, coroadas de bosques floridos, não tendo por guia senão o bastião de Homero? Como admirar suas cascatas, que se despenham, que se quebram, que espumam de penedia em penedia até se perderem em seus fundos vales, quando mal lhe era dado ouvir o sussurro de suas águas? (1954, p.152)

Dessa passagem, infere-se que Delfina permaneceu totalmente alheia ao prazer dos arcades e, especialmente dos românticos, de descrever a natureza exuberante do Brasil, formada por florestas primaveris, campinas ondulantes, rios de ouro, cascatas espumantes e vales profundos. Em vez disso, na perspectiva do ensaísta, a poetisa mergulhou no seu próprio eu, na sua paisagem interior, compondo elegias que, mesmo assim, mereceram a simpatia e a compaixão dos leitores da época.

O crítico acrescenta que, jovem ainda, a poetisa perdeu os pais, o que lhe deixou a existência ainda mais desafortunada. A mãe, D. Maria de Paula e Cunha, teria sido a responsável por sua educação, a maior consoladora da sua desgraça, a sua principal guia pelo mundo da escuridão. Sozinha no mundo, foi amparada por D. Pedro I, “que no meio da preocupação da fundação do império, não se esquecia de seus poetas e mostrou desejos de conhecê-la” (SILVA, 1954, p.154). Ao viajar para o Rio de Janeiro, Delfina recebeu “do herói do Ipiranga” uma pensão pelos serviços prestados pelo falecido pai ao Exército Imperial. Retornando ao Rio Grande do Sul, conseguiu publicar seu primeiro livro, intitulado *Poetas oferecidas às senhoras rio-grandenses*, em 1834.

Sobre a produção poética de Delfina, o crítico dá, por fim, o seguinte parecer: “Mesclam-se a essas poesias os suspiros da alma martirizada pela saudade filial, e a desgraça proveniente de enfermidades infantis” (1954, p.155). Ao lado disso, celebrou temas pátrios, cantou os favores recebidos do imperador e exaltou inúmeras celebridades da corte e das letras brasileiras.

De um modo geral, o depoimento de Joaquim Norberto converge para o biografismo, visto que a análise da produção literária de Delfina é feita sob o enfoque da trajetória de vida da poetisa. Para o crítico, os principais temas, como a morte, a solidão, a tristeza e a penumbra existencial, resultariam dos infortúnios pessoais da escritora, impedida de ver a luz do sol e a natureza do Brasil. Um outro aspecto que chama a atenção é o fato de Joaquim Norberto assumir uma visão crítica emanada da corte, centralizada nos interesses do Império. Para ele, Delfina foi abandonada pelos conterrâneos gaúchos, de modo que ela apenas conseguiu amparo financeiro e projeção literária a partir da sua ida ao Rio de Janeiro e dos contatos aí estabelecidos. Da mesma forma, por celebrar os dotes da família real e louvar os poetas do Rio Janeiro é que mereceu o devido reconhecimento nos meios artísticos do país.

Por outro lado, é interessante, também, a posição antifarrroupilha assumida pelo crítico, já que a revolução de 1835 obrigou a poetisa a se deslocar ao Rio de Janeiro à procura de abrigo:

A guerra civil – que amou pelo espaço de nove anos as destinas fratricidas com as espadas das dissensões políticas; que alastrou de ruínas os campos rio-grandenses; que derramou inutilmente o sangue brasileiro, a obrigou a procurar de novo um asilo no Rio de Janeiro. Veio sentar-se junto ao lar dos fluminenses, lembrada do bom acolhimento que lhe haviam dado. (1954, p. 155)

A imagem do Rio de Janeiro, presente nesta e em outras passagens, é a de um lugar agradável e acolhedor, onde reinava, naquele tempo, um rei bondoso e carismático. Por último, infere-se que não foram novamente os sul-rio-grandenses que se sensibilizaram com a “voz do infortúnio” da poetisa, mas sim os brasileiros, que teriam lhe estendido a mão benfazeja e aberto os caminhos para a glória.

Numa perspectiva muito parecida com a de Joaquim Norberto, a análise de Guilherme Cesar, em 1956, pode ser aproximada de algumas diretrizes propostas pelo crítico, especialmente no que tange à caracterização da poesia de Delfina. O autor de *História da literatura do Rio Grande do Sul* faz menção a uma poesia “impregnada de melancolia e tristeza” que revela “aquele oportunismo lamuriento e pegajoso dos cegos” (1971, p. 96). Para ele, Delfina também aparece privada da “visão de mundo exterior”, o que a leva a se voltar “para dentro de si mesma, para o seu desamparo de mulher bela e inválida”.

Todavia, Guilherme é muito mais pungente que Joaquim Norberto, ao afirmar que os versos da escritora são “banais, como tantos outros da ofensiva rimada que a pobre moça desencadeia sobre o Imperador”. E o fato de voltar seus versos para a corte é justificado pela ausência de leitores no Rio Grande do Sul, que naquela época estava mergulhado numa revolução separatista e não tinha, por isso, um ambiente propício para a fruição de “metáforas da poesia do século anterior”.

Nesse sentido, para o crítico, Delfina foi ao centro do país buscar amparo financeiro e espaço literário inexistente na então Província de São Pedro. Durante o asilo no Rio, teria composto o poema que amaldiçoa os revolucionários e um dos seus líderes, o general Bento Gonçalves. Na estrofe a seguir, pode-se verificar o tom empregado para criticar o chefe farrroupilha:

Chovam sobre ti os raios  
Da Divina Providência  
E seja tua existência

**SIGNO, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 48, p. 93-100, jan./jun. 2005.**

Passada em frios desmaios;  
Nos mais cruentos ensaios  
Sempre estejas engolfado,  
Por querer do ímpio fado  
Todos os males te assaltem  
Té que alentos te faltem  
Bento infeliz, desvairado. (CUNHA, 2001, p. 218)

Este poema, que se afigura hoje como uma das grandes composições da escritora, especialmente por externar sua opinião política (favorável à unidade do Império) e demonstrar sua coragem em desafiar setores da oligarquia e autoridades militares do Rio Grande do Sul, não é sequer mencionado por Joaquim Norberto (1860) e por João Pinto da Silva (1924).

No que tange à representação da cor local, não se pode deixar de transcrever a opinião de Guilherme Cesar, que toma praticamente a mesma posição de Joaquim Norberto, ao afirmar que a cegueira foi empecilho para tal:

[...] não se notam outros assuntos rio-grandenses em sua obra, que é parca de cor local, não apenas pela própria condição pessoal da autora, cega, senão também porque a poesia vigente não se dava a tais desfrutes... (1971, p. 101)

O historiador se esquece de que a ausência da visão das coisas em torno não é motivo para a poetisa não cantá-las. A justificativa do defeito físico não convence. Destaque-se que Delfina não só teve que lutar contra as adversidades de um mundo masculino, que não incluía vozes femininas na tomada das decisões, como também, naquela época, talvez não mais sentisse o Rio Grande do Sul como um espaço acolhedor, especialmente durante a Revolução. Ademais, na primeira metade do século XIX, o sistema literário praticamente inexistia no estado, e o livro de Delfina foi o primeiro a ser impresso em prelos gaúchos. Também não havia uma tradição literária culta de exaltação da cor local e, nesse sentido, a poetisa não tinha como se filiar a nenhuma corrente dessa natureza. O seu arcadismo e seu romantismo são, pois, desprovidos da descrição de paisagens exteriores, predominando os sentimentos profundos do eu poético.

Por seu turno, o historiador da literatura sul-rio-grandense Donald Schüller, em 1987, propõe que muito pouco do que Delfina escreveu é digno de nota e agradável para leitura, visto que a escritora “degradou a poesia a instrumento” e perdeu-se em longos “boleios retóricos”. Indiscutivelmente, é grave o juízo desse historiador sobre a primeira obra de poesia erudita produzida no Rio Grande do Sul. Se não existem, no Rio Grande do Sul, parâmetros estéticos para comparar a produção literária de Delfina com poetas anteriores, como dizer

**SIGNO, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 48, p. 93-100, jan./jun. 2005.**

que sua poesia é banal, retórica e sem achados que a singularizem? Obviamente, a comparação é feita a partir de textos poéticos posteriores ao lançamento da obra de Delfina, tendo, ainda, como substrato os gostos de um crítico situado no final do século XX.

Se Delfina, pioneiramente, conseguiu publicar sua obra, certamente tinha leitores. Uma prova disso pode ser encontrada no próprio Guilherme César, que afirma “que os livros do tempo se imprimiam geralmente para os assinantes e protetores do autor” (1971, p. 99), de modo que para seu último livro, *Coleção de várias poesias dedicadas à imperatriz viúva* (1846), a poetisa obteve um número considerável de assinaturas (só na cidade de Parati, RJ, por exemplo, conseguiu reunir 130).

Esse é um dado fundamental concernente à boa acolhida à obra de Delfina. Vale lembrar que, na opinião da Rita Terezinha Schmidt, “o critério qualitativo não se reduz ao processo de identificação da excelência ou não, do nível de realização formal de uma obra” (2001, p. 11). Os juízos valorativos acerca de uma obra literária, na opinião da pesquisadora, são emitidos sempre em relação ao “contexto de obras modelares, mais especificamente, aquelas eleitas por uma comunidade crítica e interpretativa que compartilha um consenso prévio sobre definições do literário e do estético” (2001, p. 12).

Assim, o livro *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses* deve ser visualizado, inicialmente, no contexto do seu lançamento, relacionando-o ao gosto estético da época. Rita Terezinha Schmidt destaca, nesse sentido, não só a ausência de uma atmosfera cultural no Rio Grande do Sul, mas também o insulamento geográfico, que impedia a formação de uma tradição literária e o desenvolvimento econômico da região. Ressalte-se, ainda, o fato de Delfina ter trazido seu primeiro livro a público nos momentos iniciais da Revolução Farroupilha, quando os interesses econômicos e políticos certamente se sobreponham aos de ordem artística.

Outro aspecto que Rita Terezinha Schmidt evidencia é o caráter ocasional da poesia delfiniana, voltada à celebração de pessoas insígnies e efemérides, como aniversários e nascimentos. Os “poemas de ocasião”, conforme a autora, têm sua origem na arte popular dos repentistas e faziam “parte de uma prática social largamente aceita e legitimada pela sociedade, inclusive nos círculos da nobreza e entre os intelectuais” (2001, p. 21). Daí o risco de lançarmos juízos negativos a respeito do tipo de poesia elaborada por Delfina, já que ela atendeu a certas expectativas ou a gostos literários da sua época. O menosprezo a esse tipo de poesia pode custar caro à história da literatura, uma vez que Delfina é uma figura altamente representativa dos momentos fundadores da Literatura do Rio Grande do Sul.

Por outro lado, a pouca recepção que obteve, ao longo de mais de um

**SIGNO, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 48, p. 93-100, jan./jun. 2005.**

século e meio, poderia ser interpretada somente a partir da baixa qualidade estética, como o fazem Guilherme César e Donald Schüler. Muito pelo contrário, Rita Terezinha Schmidt deixa entrever a idéia de que, por um lado, a obra não atenderia aos padrões da chamada “grande literatura” e, por outro, teria sido excluída dos cânones compostos e criados pela sociedade masculina. Ambas as hipóteses fazem sentido, mas não justificam inteiramente o fato. Na nossa opinião, a produção poética de Delfina carece de elementos temáticos e estéticos que a “universalizem”, de modo que sua obra hoje pode ter mais valor histórico do que literário. Entenda-se, aqui, o “valor histórico” como fonte de pesquisa para os historiadores da literatura, que nela podem buscar inúmeros aspectos relacionados aos momentos iniciais da literatura erudita no Rio Grande do Sul.

No que tange ao valor literário, ressalte-se o envelhecimento não das formas poéticas utilizadas, mas dos temas e da linguagem literária. Como já se viu, os poemas de ocasião são tão transitórios quanto as efemérides a que se referem, o que impede os textos de se projetarem para a atualidade. Da mesma forma, parte da linguagem empregada por Delfina arcaizou-se, de maneira que o leitor contemporâneo pode ser, em muitos casos, repellido do texto.

Há que se lembrar, por último, que do ponto de vista da estética da recepção, a chamada distância estética, utilizada para avaliar o caráter artístico da obra frente ao seu público inicial, diminuiu de tal forma para os leitores contemporâneos, que o texto exige um esforço particular para ser lido e ter seu caráter artístico novamente divisado (JAUSS, 1994). Todavia, embora isso tenha acontecido, o livro *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses* ingressou no século XXI com uma nova edição, a terceira ao longo de 167 anos, e que foi utilizada para a elaboração desta análise.

O resgate da produção poética da autora, que não tinha “pretensões a louvores”, só foi possível graças às novas tendências dos estudos literários que valoram uma obra na perspectiva dos seguintes paradigmas propostos por Rita Schmidt:

1) o conceito de valor é mutável e variável, sendo determinado pela relação dos leitores com a obra;

2) os discursos que definem o estatuto de uma obra são questionados (Quem o faz? De que lugar? Com que interesses? Por que e para quem a valorização de uma obra é importante?);

3) o fenômeno literário não está acima nem além das formações sociais, históricas e políticas de uma dada cultura, mas “implicado nos processos de vida material e na produção de identidades e subjetividades múltiplas e heterogêneas, em ação na sociedade” (2001, p. 12-13).

Nessa ótica, poder-se-ia até chegar à conclusão de que o silêncio que recaiu sobre a obra de Delfina ao longo do século XX teria algo a ver com o

**SIGNO, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 48, p. 93-100, jan./jun. 2005.**

tradicional olhar masculino sobre a literatura. Mas esse não é o único motivo. Provavelmente, a produção literária de Delfina perdeu seu poder de comunicação com o público, em vista das mudanças estéticas promovidas pelos movimentos literários posteriores ao lançamento dos seus textos. A sua poesia deixou de dar respostas às perguntas dos leitores, fato que a projetou por muito tempo na vala comum da literatura.

Todavia, com a atual mudança de paradigmas críticos e a ruidosa desconstrução do conceito de cânone, a obra de Delfina Benigna da Cunha (assim como a de muitos outros escritores considerados inferiores e periféricos) pode ser relida e atualizada a partir dos novos pressupostos teóricos em vigor, oriundos, especialmente, dos estudos culturais. Para concluir, diga-se que, como propunha Hans Robert Jauss, a vitalidade de uma obra literária depende, essencialmente, do diálogo que ela consegue estabelecer com o leitor - o que, no caso de Delfina, está se concretizando, de fato, apenas 170 anos depois de sua estréia literária.

## REFERÊNCIAS

- CÉSAR, Guilherme. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed., Porto Alegre: Globo, 1971. (Col. Província, 10)
- CUNHA, Delfina Benigna da. *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses*. Porto Alegre: Tipografia de Fonseca e Cia., 1834.
- \_\_\_\_\_. *Coleção de várias poesias dedicadas à imperatriz viúva*. Rio de Janeiro: Tipografia de Laemmert, 1846.
- \_\_\_\_\_. *Poesias*. (Organizado por Carlos Alexandre Baumgarten). Porto Alegre: IEL, 2001.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Introdução. In: CUNHA, Delfina Benigna da. *Poesias*. Porto Alegre: IEL, 2001.
- SCHÜLER, Donald. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- SOUZA e SILVA, J. Norberto. D. Delfina da Cunha. In: \_\_\_\_\_. *Província de São Pedro*, v. 19, Porto Alegre, 1954.
- ZILBERMAN, Regina, MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.